

Biopolítica das multidões:¹ a narrativa em rede construída pelo #ProtestoRJ

Priscilla Calmon de Andrade²

Resumo

O presente trabalho busca revisar alguns conceitos como: capitalismo cognitivo, trabalho imaterial, formação de subjetividades, biopoder e biopolítica, para que possamos entender as novas formas narrativas produzidas nas ruas. Através da imersão no conceito de Ator-Rede de Latour nos debruçaremos ainda sobre o campo que o autor chama de sociologia das associações, que redefine a noção de social e rastreia suas conexões, examinando mais de perto os agregados de uma sociedade e a produção de cartografia das controvérsias. Como objetivo final buscaremos entender de que forma, neste capitalismo cognitivo que subsumi toda a linguagem a um campo de valorização mercantil, torna-se possível outros modos de narrar o mundo dentro e para além deste – tomando como exemplo o #ProtestoRJ.

Palavras-chave

Biopolítica; multidão; produção do comum; cartografia das controvérsias.

1. Biopoder e seus mecanismos em Michel Foucault

O recorte entre saber e poder foi realizado por Michel Foucault, sobretudo a partir dos anos 1970, em seus estudos sobre os dispositivos e a busca de compreensão dos processos de subjetivação dos indivíduos através de uma teoria e história dos modos de existência, que assim como Friedrich Nietzsche, nega a existência de universais e postula a formação de processos sempre singulares e produtores de novas multiplicidades sociais. O intuito dos estudos de Foucault sempre voltou-se à compreensão das operações pelas quais os indivíduos se constituem como sujeitos às

¹ Trabalho apresentado no GT (inserir aqui número e título do Grupo de Trabalho) do VII Congresso de Estudantes de Pós-Graduação em Comunicação, na categoria pós-graduação. UFRJ, Rio de Janeiro, 15 a 17 de outubro de 2014.

² Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestranda em Tecnologias da Comunicação e Estética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora do Cibercult-UFRJ e Labic-UFES.

margens destes saberes e poderes, que regem seus corpos e reproduzem práticas sociais entendidas como pré-existentes em determinados períodos históricos.

Aqui, tomarei como ponto de partida a obra *Histórica da Sexualidade – A vontade de Saber*, marcada pelo aparecimento dos conceitos de biopoder em Foucault. Neste livro, o autor faz um mapeamento das experiências modernas e busca entender quais modos, condutas e formas de poder levaram os indivíduos a se reconhecerem enquanto portadores de uma sexualidade ímpar, como sujeito de um desejo que se articula com um sistema de regras e poderes cuja força de coerção tornou-se variável. Através de um método genealógico, Foucault (1980) procura entender os sentidos e valores como algo interessado e criado historicamente. A sexualidade, para Foucault (idem), é uma construção histórica e possui o papel fundamental na formação da subjetividade moderna. O objetivo do filósofo é examinar que forças essa invenção envolve e, sobretudo, entendê-la a partir de uma interioridade do desejo do ser humano, e quando este se tornou o próprio objeto da ciência, como uma interiorização de pulsões.

Ao falar da sexualidade como algo histórico, é preciso, segundo o autor, analisar seus três eixos: “formação de saberes referentes a elas, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas nas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos desta sexualidade”. Nesta obra em particular, o filósofo utiliza o método genealógico para desconfiar do que ele chama de uma “hipótese repressiva”. Esta que seria o deslocamento do sexo da prática da franqueza no século XVII para o segredo, a individualidade do corpo e as mudanças que são levadas para dentro da casa. A família conjugal confisca essa sexualidade, o casal legítimo dita a lei. A repressão funciona como uma condenação ao desaparecimento, um pedido de silêncio e a uma afirmação de inexistência, e a constatação de que neste aspecto, não há nada para dizer, ver e saber. O lugar da sexualidade interdita vai parar, junto com a hipocrisia burguesa, na casa de saúde e *rendez-vous*. Estes “outros vitorianos”.

A crítica de Foucault (1980) é de que esta hipótese repressiva não estaria dando conta de abarcar a relação do corpo e a sexualidade. Assim, ele busca abordar uma liberação dos prazeres como uma liberação dos corpos, colocando esta hipótese sob investigação. O primeiro ponto de questionamentos seria: será que foi reprimido que o sexo avançou? (questão que nomeia de histórica); segundo, a mecânica do poder seria

necessariamente de ordem repressiva? (questão teórica), terceiro ponto: o discurso crítico que se dirige à repressão se cruzaria com certos mecanismos de poder? (questão histórico-política).

As questões direcionadas à hipótese repressiva buscam então recolocá-la no seio dos discursos sobre a sexualidade nas sociedades modernas a partir do século XVII, entendendo o regime de poder, saber e prazer que sustenta, entre nós, este discurso sobre a sexualidade dos indivíduos. Não trata-se, entretanto, de determinar uma verdade sobre o sexo, mas revelar a vontade de saber que lhe serve de suporte e instrumento. A análise foucaultiana refere-se ao ponto crítico de fazer desta interdição o elemento principal ao retratar a relação de poder e saber:

Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna. Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso. (FOUCAULT, 1980, p.17)

Foucault (idem) observa que entre os séculos XVII e XIX houve uma “explosão discursiva sobre o sexo”, atrelada ao surgimento de um novo poder, capaz de controlar o corpo e vida dos indivíduos, o biopoder. Antes de adentrarmos neste conceito, importante destacar a proposta do filósofo de uma analítica do poder, que pensaria este não apenas em seus aspectos negativos de repressão, interdição e proibição, mas levando em consideração também as tecnologias positivas deste poder. Era necessário então prestar atenção aos mecanismos de poder que eram produtivos, criativos, multiplicadores e toda uma analítica do poder que considera tanto sua dimensão repressiva quanto a dimensão produtiva.

Cabe agora retornarmos ao conceito de biopoder, que foi pela primeira vez abordado por Foucault (1980) nesta obra. A noção de poder é reconsiderada pelo filósofo – e explica que esta não deve ser entendida por suas formas terminais (soberania de um Estado, forma de lei ou unidade de dominação), o poder, ao contrário, caracteriza-se por uma “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e que são constitutivas de sua organização; o jogo que,

através de lutas e afrontamentos incessantes se transforma, reforça, inverte” (FOUCAULT, 1980, p.89). O poder é entendido como esse conjunto de relações de forças heterogêneas e díspares que atravessam as várias esferas da vida humana. Para ele, o poder vem de baixo, do corpo social e não acima dele, e suas relações são ao mesmo tempo intencionais e não subjetivas, são multiformes, dispersas, não possuem localização e nem sujeitos específicos, atravessam os indivíduos e os corpos. Nota-se que Foucault (idem), neste ponto, afasta-se da crença de um “sujeito” que marca todo o pensamento moderno, não é buscar quem está por trás de todas as formas de poder, mas entender os mecanismos e estratégias que fazem com que o poder se exerça sobre o corpo e mente dos indivíduos, ou seja, as formas gerais de problematizações e os modos de subjetivação que marcaram a emergência de jogos de verdade e a construção de discursos capazes de serem ditos.

A sociedade de soberania e o privilégio do poder soberano sobre o direito da morte e vida passamos para uma disciplina e interesse sobre a vida, de um “causar a morte” ou “deixar viver” para uma lógica de “fazer viver”. Da passagem da época clássica para a moderna, o poder conheceu uma grande transformação, do confisco e suas formas de controle, reforço e incitação, surgia então novas relações de poder, destinada a produzir forças e fazê-las crescer, organizá-las e ordená-las, mais do que reprimi-las. Dessa forma, o direito de morte se desloca para um direito sobre a vida e a necessidade de garantir, manter e desenvolver esse corpo social. A partir do século XVII, podia ser encontrada duas formas de poder sobre a vida: de um lado, estava o corpo como máquina, a anátomo-política do corpo humano, que os adestrava, ampliava as aptidões, aumentava as utilidades e suas docilidades e a adequava aos sistemas de controles eficazes e econômicos; do outro lado, já no século XVII, era a biopolítica da população que surgia como o mecanismo de poder, formado por um corpo espécie, em um corpo atravessado por processos biológicos e mecânicos do ser vivo, era um poder que se preocupava com o nascer, a mortalidade, a duração da vida, ou seja, todas as esferas do viver dos indivíduos.

A potência da morte, símbolo do poder soberano, é recoberta pela administração dos corpos e gestão específica da vida. O efeito dessa nova forma de poder perpassava por todos os âmbitos da vida cotidiana: escolas, fábricas, polícias, prisões, entre outros. Configurava-se a era do biopoder. O controle sobre os corpos, sobretudo no

aparelho de produção e através da adaptação da população aos processos econômicos, foi o que impulsionou, sem dúvida alguma, o avanço do capitalismo. Constituiu-se nas sociedades modernas uma experiência de modo que os indivíduos pudessem se reconhecer enquanto sujeitos de uma sexualidade que se abre para campos diversos do conhecimento e que se articula a um sistema de regras cuja força de coerção é variável. No âmbito moral do sexo, por exemplo, que vigia, normaliza e pune os corpos, constitui-se uma dimensão individualizante de um outro dispositivo, o biopoder, regulando a vida dos indivíduos de acordo com os interesses políticos do Estado. Há nesse processo das sociedades disciplinares um duplo processo, ao mesmo tempo individualizante e totalizante, já que muitas vezes serve ao Estado e suas estruturas por meio de novos saberes, a exemplo de estatísticas demográficas e medicina social.

2. Expressões conceituais da biopolítica

A revisão do conceito de biopoder a partir da primeira conceituação da expressão em Foucault (1980) se faz necessária pelos importantes desdobramentos apresentados por outros estudiosos, a começar por Michael Hardt e Antônio Negri³, que na obra *Multidão: guerra e democracia na era do Império* buscam traçar uma genealogia do estado de guerra global no qual estaríamos inseridos, a partir da análise dos movimentos sociais e políticos de resistência por todo o mundo. Essa visão é de extrema relevância para a compreensão das novas subjetividades que surgem neste panorama de lutas em rede. O ambiente no qual esses combates se dariam, são chamados pelos autores de *Império*, caracterizado pelo poder em rede e a possibilidade de novas formas de soberania, nele todos precisam trabalhar em regime de cooperação para a criação e preservação da ordem global.

Dentro desta lógica do *Império* estaria a multidão, “uma rede aberta e em expansão na qual as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente, uma rede que proporciona os meios de convergência para que possamos trabalhar e viver em comum” (HARDT; NEGRI, 2012, p.12). A multidão não se confunde com povo ou

³ HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Trad. Clóvis Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

massa, pelo contrário, representa uma multiplicidade de singularidades, ela é composta por inúmeras diferenças internas que não podem ser reduzidas a conceitos individuais. Nela, as diferenças sociais se mantêm diferentes e aí que encontra-se o desafio, de fazer com que esta multiplicidade de diferenças singulares seja capaz de se comunicar e agir em comum, ao mesmo tempo em que se mantêm estritamente distintas. Veja, a produção do comum é extremamente importante para a ação em conjunto, pois em meio a uma potência que não é massa nem povo, ela se torna a única forma possível de se chegar a união destas múltiplas singularidades.

Nossa comunicação, colaboração e cooperação não se baseiam apenas no comum, elas também produzem o comum, numa espiral expansiva de relações. Esta produção do comum tende atualmente a ser central, a toda as formas de produção social, por mais acentuado que seja seu caráter local, constituindo na realidade a característica básica das novas formas dominantes do trabalho hoje. (HARDT; NEGRI, 2012, p.14).

A lógica é de que o próprio trabalho gera/cria/sustenta em torno dele essas redes de cooperação e comunicação. A este modelo dominante do trabalho imaterial, Hardt e Negri (2012) dão o nome de produção biopolítica, que ao invés de ser um dos mecanismos de auxílio a execução do biopoder, torna-se local de resistência e geração de positividade. E no estado de exceção no qual nos encontraríamos hoje – sendo a guerra a regra e a paz a exceção – emerge o regime de biopoder, “uma forma de governo destinada não apenas a controlar a população, mas a produzir e a reproduzir todos os aspectos da vida social. Essa guerra traz morte mas também, paradoxalmente, deve produzir vida” (HARDT; NEGRI, 2012, p.34). Ou seja, é nesse estado atual permanente de guerra que se exerce o biopoder - em um regime que domina a vida e ameaça com a morte.

O biopoder estaria acima da sociedade, como uma autoridade soberana, que impõe ordem e governa seus cidadãos. Por outro lado, a produção biopolítica é a forma de resistência, aquela que cria valor – através de relações e formas sociais através das formas colaborativas do trabalho. Essa forma de produção dominante da contemporaneidade, que cria bens imateriais, trabalha com afetos e perceptos, comunicações e colaborações, que cria relações sociais e formas de vida concreta, seria o “biopolítico”. Com Hardt e Negri (2012) o conceito de biopolítica sai da zona

prioritária da perspectiva do poder e da racionalidade refletida no corpo passivo da população e suas condições de reprodução e se torna uma potência da vida.

3. O projeto da multidão e a produção de novas subjetividades

A constituição da multidão se estabelece no terreno das novas formas democráticas em luta em rede na *Era do Império*, como uma nova classe global capaz de fazer frente aos movimentos de resistência que atravessam o mundo. Após as manifestações de 1968, essas formas de movimentos e resistência começavam a mudar, em um reflexo nas transformações que ocorriam na força de trabalho e nas formas de produção social. O capitalismo cognitivo configurava o trabalho imaterial, as multidões e sua base biopolítica sustentada no modelo em rede – que produzia novas subjetividades e formas de vida. Essa produção imaterial relaciona-se ao trabalho que produz ideias, afetos, conhecimentos, imagens e conseqüente gera a potencialidade da transformação social. Negri e Hardt (2012) destacam o aspecto biopolítico deste trabalho imaterial, uma vez que não age somente no âmbito econômico, mas em todas as esferas da vida das multidões, refletindo também em seus aspectos sociais, culturais e políticos. O aspecto em rede que este trabalho imaterial assume também deve ser destacado, uma vez que baseado na colaboração, cooperação e comunicação age em conjunto para a produção do comum. Essas características corroboram para composição social do projeto da multidão que atua nos movimentos de resistência em todo o mundo a estes estados permanentes de guerra. A multidão, para Negri e Hardt (2001), não é nem encontro de identidade, nem pura exaltação das diferenças, mas é o reconhecimento de que, por trás de identidades e diferenças, possa existir ‘algo comum’.

A ação política a qual levaria a transformação e libertação só seria possível com o corpo formado pela multidão, esta que seria capaz de se governar, contrariando o poder soberano e a formação do corpo político. Negri e Hardt (2001) afirmam que a multidão é a carne viva que governa a si mesma – ao contrário do povo – conceito este que é descartado pelos autores por reduzir as diferenças a uma única identidade, enquanto a multidão abarca o conjunto de singularidades e um sujeito social que não

pode ser reduzido a essas uniformidades, pois por ser capaz de agir em comum, pode governar a si mesma.

4. Narrativas em rede e a cartografia das controvérsias

Após esta trajetória histórica do conceito de poder e as forças que o atravessam, é necessário buscar compreender as formas comunicacionais deste projeto da multidão, que cada vez mais se configura enquanto narradores de sua própria história. Muitos autores se debruçaram nestas novas formas de se narrar os acontecimentos na web 2.0, alguns pelo aspecto tecnológico, outros pelo viés sociológico. Aqui, ressaltaremos inicialmente os estudos de Latour sobre a teoria Ator-Rede e suas contribuições para uma sociologia de associações, que estuda o social a partir do rastreamento de suas conexões, buscando entender o conteúdo daquilo que será “agregado” em uma sociedade.

O sociólogo francês busca romper com uma ideia equivocada na qual todas as coisas poderiam ser resumidas a uma “explicação social” – esta que seria realizada pelos “sociólogos do social” – e propõe uma reformulação da noção do social. A crítica é de que o social sempre esclareceu o social, em que falar que algo se explica por uma dimensão social tornou-se senso comum. Pelo contrário, por social, antes de ser algo onde tudo se enquadra e se explica, deve ser visto como elementos que se conectam e perpassam por estreitos canais. A proposta de Latour é redefinir a sociologia a partir de uma associação de elementos heterogêneos, agregando o social que foi perdido, em um constante movimento de “reassociação e reagregação”. A singularidade dessa vertente proposta pelo antropólogo é de que os próprios atores possuem a capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social e a nossa função é tentar ouvi-los e não falar por eles. Enquanto a sociologia do social funciona bem quando se trata daquilo que já foi agregado, a Teoria Ator-Rede proposta por Latour é de seguir os próprios atores e deixar que eles digam por si mesmo algo sobre a existência coletiva.

O ato de desdobrar as controvérsias sobre o mundo social é realizado por Latour a partir de cinco grandes incertezas, que seriam as principais instituições das ciências sociais: 1- refere-se à natureza dos grupos, propondo que não há grupos relevante ao

qual deve ser atribuído o papel de compor os agregados sociais; 2- sobre a natureza das ações: em cada ação há sempre uma variedade de agente que parece misturar-se e deslocar os objetivos originais; 3- aponta para a natureza dos objetos, os tipos de agências que participam das interações; 4 - a natureza dos fatos: os vínculos das ciências naturais como o restante da sociedade parece ser constantemente fonte de controvérsias; e 5- refere-se ao tipo de estudo realizado sob o rótulo de ciência social, pois nunca fica claro em que sentido exato se pode dizer que as ciências sociais são empíricas.

Aqui, para título de entendimento do processo da cartografia das controvérsias nos aprofundaremos na segunda fonte de incerteza, que revela que toda ação é assumida, referindo-se à natureza heterogênea dos ingredientes que formam os atores. Neste ponto, a ação da rede deve ser entendida como algo não transparente, mas opaca e visível, como um nó que deve ser desatado aos poucos. Esta ação, é segundo o autor, assumida por outros, pois deve permanecer como surpresa, mediação e acontecimentos, ou seja, nunca fica claro quem e o que está agindo quando estamos em ação, não há como saber se essa incerteza encontra-se no analista ou no ator. Importante destacar aqui que para Latour o ator não é a fonte de um ato e sim um alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção. Empregar a palavra ator significa que jamais fica claro quem ou o que está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar. Assim, a ação na rede é assumida pelos atores-agentes nela. A rede só existe com todas estas entidades se debatendo em controvérsias e ações. São tão heterogêneas quanto os repertórios utilizados para relatar suas ações.

As noções fornecidas pelos próprios atores sobre o social, que são a base da Teoria Ator-Rede, constituem a Cartografia das Controvérsias, um método que foi desenvolvido por Michel Callon em parceria com Bruno Latour. Nesse processo de cartografia tanto os atores humanos quanto não humanos estão ligados em uma rede social de elementos, materiais e imateriais. Ou seja, o que compõe o social não é somente as relações humanas, mas também processos imateriais – como máquinas, capital, imagens, entre outros.

Tommaso Venturini (2009) afirma que ao olharmos para a controvérsias devemos procurar onde vidas coletivas se tornam mais complexas, onde se encontram

as maiores e mais diversas formas de atores envolvidos e qual é o local onde as alianças e oposições se transformam em algo imprudente e não tão simples quanto parece. Para este estudioso, o método da cartografia das controvérsias pode ser descrito como a prática da Teoria Ator-Rede sem o peso de todas as sutilezas teóricas. O processo de mapeamento das controvérsias não implica então qualquer suposição teórica conceitual ou algum modelo pré-determinado de um método a seguir. Venturini (2009) explica que não existe nenhuma definição para aprender, nenhuma hipótese para demonstrar e nem correlação a ser estabelecida. Os pesquisadores são levados então a um processo no qual devem descrever aquilo que veem, como uma forma de narrativa das controvérsias. Apesar de parecer ser uma simples versão da Teoria Ator-Rede, as controvérsias são um árduo e difícil trabalho de mapeamento. O que parece simples, em teoria, afirma Venturini (idem), acaba sendo a mais árdua tarefa. “Somente observar e descrever a controvérsia”, parece fácil, exceto pelos problemas “somente” e “controvérsias”. Ao contrário dos principais métodos e técnicas de pesquisa, a cartografia nunca quis significar uma fácil investigação, mas tornar o processo lento e difícil. Ao afirmar que a cartografia social não exige teoria ou metodologia específica, não quer dizer, entretanto, que os pesquisadores são proibidos de empregá-las. A ideia é de que durante a descrição e observação neste processo, o cartógrafo permaneça o mais aberto possível a novas interpretações.

E o que há enfim em uma controvérsia? Complexas de serem analisadas na vida coletiva, a palavra controvérsia se refere a partes da ciência e tecnologia que ainda não foram estabilizadas e inseridas em uma “caixa preta”, ela pode ser descrita com o termo geral para descrever a incerteza partilhada. Pode ser explicada como uma situação na qual os atores discordam, ou ainda, que concordam em discordar, as controvérsias começam quando atores descobrem que eles não podem ignorar um ao outro e chega ao fim quando atores conseguem elaborar um sólido compromisso de viverem juntos. Qualquer coisa entre esses dois extremos – o desconhecimento recíproco e o consenso de acordo e aliança – pode ser chamado de controvérsia, onde as relações mais heterogêneas são formadas. (VENTURINI, 2009).

O processo de cartografia das controvérsias na era da big data torna-se ainda mais intrincado, pelo seu tamanho e pela complexidade dos diversos debates envolvidos. Temos em nosso favor os dispositivos de comunicação distribuídos e o

local de atuação das identidades na Internet – sobretudo as redes sociais que nos fornecem um panorama de importantes cenários de discussões e discordâncias em níveis altíssimos. Com as ferramentas em mãos para o mapeamento na rede e o auxílio da cartografia em rede, podemos montar um palco onde vemos esses atores falarem por si só, destacando os protagonistas, antagonistas, e as multidões conectadas. Esse método abre o campo para investigação sobre as nuances das questões científicas, tecnológicas e até mesmo políticas na rede. Seguindo uma hashtag em particular, por exemplo, conseguimos alcançar toda uma rede de participantes, mobilizadores, discursos e disputas ali envolvidos. A questão central neste trabalho é buscar compreender então como é possível a constituição de outros modos de narrar o mundo e as suas formas de agir e fazer politicamente utilizando as novas estratégias em rede – cooperação, colaboração e compartilhamento – e tecnologias?

O panorama geral desta constituição em rede é feita a partir dos seguintes passos: 1- a extração dos dados através do software YourTwrapperKeeper, que agrupa a partir de uma hashtag selecionada os tweets associados a ela; 2 – determinar qual será o foco de estudo dentro desse dataset, que pode ser filtrado pelo tempo, ; 3- cartografar a rede visualmente a partir do programa Gephi que gera grafos que demonstram a posição de nós, suas conexões, os principais atores envolvidos, as principais discussões, entre muitos outros insights. A título de explicação, debruçarei sobre o dataset do #ProtestoRJ que nos fornece importantes configurações dessas multidões que potencializam a cada dia as novas formas de resistência e guerra em rede, assim como a participação nos debates e nas pautas políticas.

5. A rede do #ProtestoRJ

A imagem abaixo (Figura 1) representa o grafo da hashtag #ProtestoRJ no software Gephi⁴, nela, encontram-se em destaque as diferentes comunidades que permeiam este debate – a maior delas é a mais fortemente conectada (cor rosa) pois condensa os perfis de maior relevância. Nesta visualização também é possível pontuar

⁴ É uma plataforma open source interativa de visualização e exploração de vários tipos de rede e sistemas complexos. Através desse programa é possível aplicar algoritmos de layout configuráveis para ser executado em tempo real.

as principais autoridades ao redor deste dataset: @MarceloTas, @YourAnonnewsBR, @Matheusrg, @DanielBoVolento, entre outros. Importante lembrar aqui que esta métrica de autoridade mede a popularidade e relevância dos nós, que são dadas pelas pontuações que estes recebem por bons hubs. A regra é simples: boas autoridades são pontuadas por ótimos hubs.

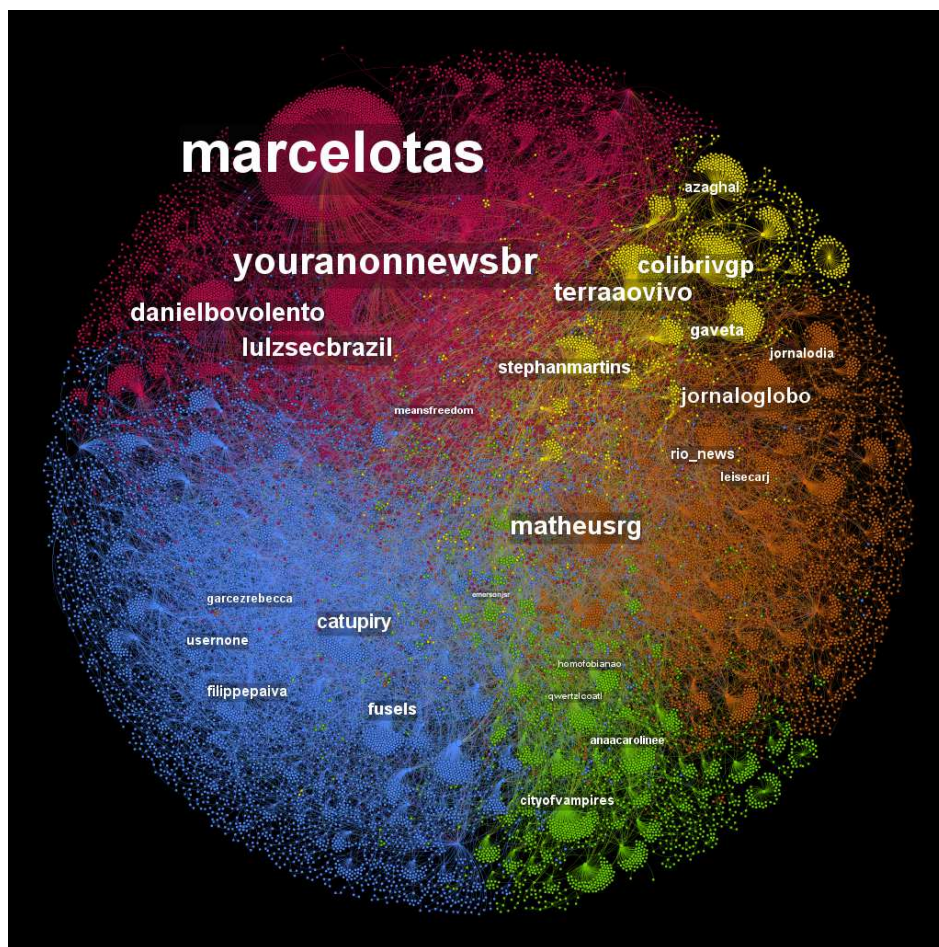


Figura 1 – Rede formada pela métrica de autoridade (tamanho) e comunidades (cores)

As autoridades do #ProtestoRJ constituem os maiores nós no grafo anterior pela quantidade de direcionamentos recebidos pelos hubs, ou seja, pelo alto valor de retuites. Mas vale a reflexão: *será estas autoridades os intermediadores ou mediadores deste debate? Eles geram transformação ou apenas repassam a informação?*

A maior autoridade nesta narrativa, o perfil do @MarceloTas, por exemplo, foi o usuário mais retuitado, mas não retuitou ninguém, ele não estabeleceu nenhuma

conexão com o resto do grafo, a mensagem é por ele transportada mas não gera transformação. Esta costuma ser uma característica frequente dos perfis com alta autoridade (valores altos de grau de entrada). Um outro aspecto particular deste usuário é a sua tendência de sempre entrar no assunto do momento, com apenas poucos tweets sem aprofundamentos consegue mobilizar sua imensa rede de seguidores. Em termos de cartografia social, poderíamos dizer que este perfil é um intermediador momentâneo no debate, não produzindo ação a longo prazo e nem contribuindo para as possíveis controvérsias que sejam levantadas nessa disputa em rede.

A segunda e terceira maior autoridade são, respectivamente, @MatheuSRG e @YourAnonnewsBR, perfis que curiosamente, estão presentes no grafo de autoridades e também nos principais hubs (ver figura 2). *E o que isso significa?*

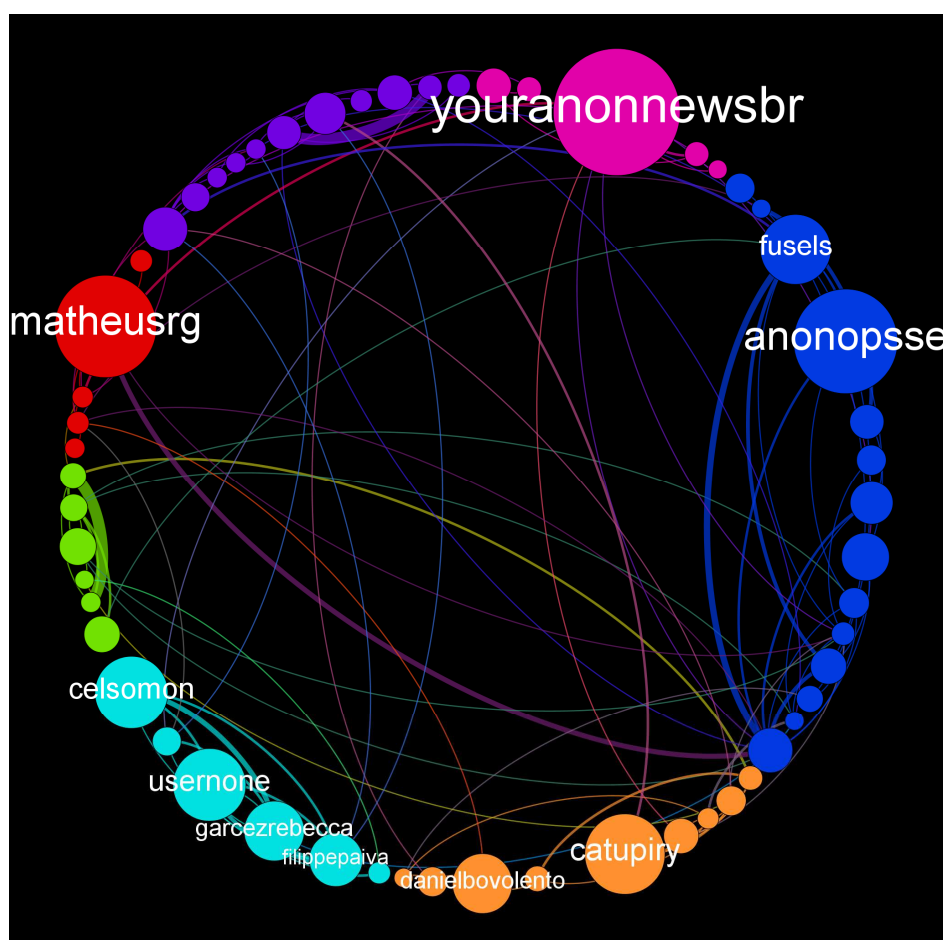


Figura 2 – Rede layout circular, maiores hubs (tamanho maior) comunidades (cores iguais)

Os hubs, ao contrário das autoridades (que transportam sem transformar, agindo como intermediadores), funcionam aqui como mediadores, deslocando o enunciado de sua trajetória inicial e colocando-o em conexão com muitos outros. Essas múltiplas mediações constroem a rede de enunciados menores, mas que são feitas de modo coletivo e extremamente conectada, em uma rede densa e diversificada, que atua e age coletivamente. A rede de fluxos e de enunciados se materializam aí, em meio a essa multidão conectada, repleta de atuantes na rede e nas ruas.

Há nessa rede dois tipos singulares de hubs: 1- aqueles a qual os nós conectados a eles são extremamente dependentes, não ligados a outras partes da rede; e 2- o perfil configura-se enquanto hub pois os nós conectados a ele não dependem apenas dele, mas de toda uma rede a qual estão clusterizados. Isso explica o motivo pelo qual alguns nós são autoridades e hubs ao mesmo tempo, veja, o perfil @MatheusSRG é autoridade pois influencia toda a sua rede com seu conteúdo e hub pois é rodeado de figuras que assim como @MarceloTas, que só estão conectados a ele. Já o usuário @YourAnonnewsBR mobiliza toda a rede enquanto autoridade mas também é envolvido pela multidão conectada, singularidades que se unem em torno de objetivos em comum, de conteúdos de interesse compartilhados em comum, de ação e novas formas de produção de comum em rede.

É sobre essa produção comum e seu poder de mobilização e colaboração que desdobramos ao longo deste trabalho, destacando essas novas formas de ação em rede, sua capacidade de articulação e formação de coletivos, que a cada vez mais cria potências que atravessam todos os ramos da vida coletiva, além de novas tecnologias sociais e dinâmicas capazes de articular, mobilizar e fazer realizar transformações em diversos âmbitos da sociedade. “Este é um projeto digno da multidão: transformar o estado opressivo de guerra permanente na qual nos encontramos em uma guerra de independência que possa finalmente trazer uma autêntica paz social” (NEGRI, 2003, p. 87).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I (a vontade de saber)**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. São Paulo: Editora Record, 2001.

_____. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. Trad. Clóvis Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre Império**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VENTURINI, TOMMASO. **Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory**. Online, 2009. Acesso em 22 de junho. Disponível em: <http://www.tommasoventurini.it/web/uploads/tommaso_venturini/Diving_in_Magma.pdf>